

AOS QUE FORAM, AOS QUE AQUI ESTÃO E AOS QUE VIRÃO.

O artista visual paulistano No Martins começou o seu trabalho aos dezesseis anos de idade, nas ruas da Zona Leste de São Paulo, arriscando-se no universo do grafite e *pixação* (com “x” mesmo). Neste território livre, ele desenvolveu habilidades que formaram o seu traço, no qual é possível perceber até hoje a influência da arte urbana em seus trabalhos, mesmo que tenha experimentado, posteriormente, diferentes recursos e mídias. Graduado em artes visuais e freqüentador dos ateliês de gravura da Oficina Cultural Oswald de Andrade, durante o período de 2007 e 2011, o artista aponta o seu interesse para as questões vividas pela população negra no Brasil, cuja perspectiva da desigualdade torna-se material fértil para a sua produção artística.

A violência contra o povo negro, que parece nunca ter cessado, é evidenciada na poética de No Martins, que emociona com a força de seu grito silencioso. Em recente viagem para África, para o programa de residência artística Angola Air, ele deu continuidade ao seu trabalho de pintura de retratos iniciados no Brasil, para a série Pretos Novos, na qual utiliza pequenos formatos que remetem às fotografias 3x4, com rostos de pessoas que ele conheceu e fotografou, cujos ancestrais bantos foram brutalmente mortos e sepultados no Cemitério dos Pretos Novos (1789 – 1830). De acordo com o artista, na história da pintura a representação de pessoas negras sempre foi colocada em um plano inferior, como se pode observar nas pinturas renascentistas, em que a vestimenta ou uma jóia tem muito mais importância que um indivíduo negro.

No Martins desenvolveu em solo africano uma pesquisa sobre a rota escravocrata a partir do porto de Luanda, que resultou na performance que dá o título desta mostra, “Aos que foram, aos que aqui estão e aos que virão”, na qual ele acende três velas com 1,70 de altura e mais de 50 quilos cada uma, na praia do Museu da Escravatura. Este trabalho é apresentado em vídeo e propõe uma reflexão sobre o passado, presente e futuro, em que nesta linha tênue do tempo, a partida daquelas pessoas escravizadas para as Américas, ainda afeta a vida de seus descendentes nos dois continentes, até os dias de hoje.

Marco Antonio Teobaldo
curador